



O “NORMAL” E O “DIFERENTE”: REFLEXÕES SOBRE AS FRONTEIRAS QUE CONTORNAM A SEXUALIDADE

Roberto Vinicio Souza da Silva

Programador; Graduando em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI; E-Mail: robertoviniusphb@hotmail.com

Rosemary Meneses dos Santos

*Graduada em pedagogia e Esp. LIBRAS e Psicopedagogia
Universidade Federal do Piauí-UFPI; E-Mail: rosemaryphb@hotmail.com*

RESUMO: Esta proposta de pesquisa se propõe a refletir sobre os parâmetros que contornam a sexualidade dos sujeitos, nesse sentido é apresentado alguns dilemas que se preocupam com a construção de meninas e meninos principalmente dentro do espaço escolar, por isso, se tem como objetivo geral: analisar as literaturas que trabalham o eixo temático sexualidade, já os específicos são: pesquisar a sexualidade dos indivíduos numa perspectiva crítica e reflexiva no contexto das interações sociais determinados pela heteronormatividade, perceber os papéis sociais que definem e incubem posturas aceitáveis à homens e mulheres e compreender os dilemas que circundam e propõe a invisibilizam a sexualidade no espaço escolar, Nesse sentido optou-se por utilizar neste estudo como metodologia a possibilidade: Bibliográfica, assim, foram utilizados Dayrell (1996), Candau (2008), Larraia (2002), Foucault (1988), Junqueira (2009), Louro (2009), Peter Fry e Edward MacRae (1985), Nascimento e Adad (2015). Com esta proposta esperamos incentivar estudos e pesquisas que discutam, sobre a visibilidade da sexualidade, que elucide ambos os contornos “normal” e o “diferente”, os primeiros são sujeitos que vivem a heterossexualidade e o segundo são todos as pessoas que se aventuram a trilhar as fronteiras da sexualidade e assim inscrevem em seus corpos marcas (re) inventar e ressignificar possibilidades de uma vivência saudável no contexto das identidades sexual de gênero. Dessa forma credita-se ser o estopim para uma vivência que prima pela inclusão, igualdade e dignidade de todos, pois desta forma não prevalece o machismo, nem o preconceito, intolerância, discriminação ou quaisquer discursos travestidos pelo respeito e tolerância.

PALAVRAS – CHAVE: Sexualidade. Inclusão e igualdade. Educação.

INTRODUÇÃO



Iniciaremos esta reflexão considerando o argumento de Louro (2000) ao retratar seus dilemas sobre a sexualidade, argumenta que isso era assunto privado, alguma coisa da qual deveria falar com alguém muito íntimo e preferencialmente de forma reservada, essas questões pareceriam não ter nenhuma dimensão social. Contudo, partimos do seguinte pressuposto: A sexualidade é inerente a condição humana e é delineada pelos processos históricos, econômicos, sociais, culturais, entre outros eixos, que reverberam e também contribuem com o processo de construção de uma auto imagem no âmbito da orientação sexual.

Nesse processo, socialmente são estabelecidos espaços de discussão para a questão para a sexualidade. Focaremos nossa análise no âmbito da educação formal, objeto de estudo nesta pesquisa. Para Candau (2008), na sala de aula, entram-se corpos que não têm desejo, que não pensam em sexo ou que são especialmente dessexualizados para adentrar a este recinto, é como se o corpo e a mente existissem isoladamente um do outro.

Imersos nesta concepção, desconsideram a possibilidade de que os alunos sentem necessidade de conhecer as transformações que seus corpos passam, sobretudo no período da adolescência. Muitas são as estratégias sobre a qual os indivíduos podem estabelecer contato com a sexualidade. A educação sexual perpassa sobretudo os eixos da mídia, da família, dos grupos, movimentos e instituições sociais. Embora muitas vezes, seja legitimado a invisibilidade.

Assim, temos como objetivo geral: analisar as literaturas que trabalham o eixo temático sexualidade, já os específicos são: pesquisar a sexualidade dos indivíduos numa perspectiva crítica e reflexiva no contexto das interações sociais determinados pela heteronormatividade, perceber os papéis sociais que definem e incubem posturas aceitáveis à homens e mulheres e compreender os dilemas que circundam e propõe a invisibilizam a sexualidade no espaço escolar.

O percurso metodológico contemplou a possibilidade: Bibliográfica, assim, foram utilizados Dayrell (1996), Candau (2008), Larraia (2002), Foucault (1988), Junqueira (2009), Louro (2009), Peter Fry e Edward MacRae (1985), Nascimento e Adad (2015), entre outros títulos. Que se preocupam e discutir diversos aspectos no contexto da problemática deste estudo. Por fim, considerando a relevância deste estudo que consiste em da visibilidade as diversas possibilidades da vivência da sexualidade é possível interpelar diversos paradigmas que reverberam no contexto da igualdade, dignidade, direitos humanos e inclusão de todos os personagens independente de serem “normal” ou “diferente” da normativa heterossexual.

METODOLOGIA

Para este artigo buscou-se trabalhar no percurso metodológico com a pesquisa bibliográfica, esta se efetiva quando produzida a partir da análise de matérias já produzidos por outros autores, assim utilizou-se: O percurso metodológico contemplou a possibilidade: Bibliográfica, assim, foram utilizados Dayrell (1996), Candau (2008), Larraia (2002), Foucault (1988), Junqueira (2009), Louro (2009), Peter Fry e Edward MacRae (1985), Nascimento e Adad (2015).

RESULTADO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No espaço escolar acessam diversos indivíduos, dentre eles professores e aprendizes, cada um com uma vivência específica, saberes e experiências adquiridas, sobretudo no dia-a-dia, apesar desta singularidade em alguns momentos é possível perceber que nas relações estabelecidas dentro da escola os diferentes contextos se fundem e dialogam, outros, simplesmente se repelem, algumas vezes por serem considerados “diferentes”, parafraseando Dayrell (1996) a escola deve ser compreendida como uma construção social, portanto é indispensável perceber esta instituição como sendo um espaço sociocultural capaz de ‘resgatar os sujeitos nas tramas sociais que os constitui’.

Esta questão não é tão simplista como parece, não se dá por osmose ou muitas vezes de forma harmônica, como dita anteriormente, algumas vezes as diferenças encontram dificuldade em se convergir, como observado por Candau (2008) os “outros”, os “diferentes”, muitas vezes estão pertos de nós, mas não estamos acostumados a vê-los, ouvi-los, valoriza-los e interagir com eles.

A partir disso, argumenta Larraia (2002) O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim, produtos de uma herança cultural, ou seja, um resultado de uma determinada cultura. Em outras palavras, tudo que foge aos parâmetros de normalidade estabelecidos por um grupo, passa a ser considerado “diferente”.

Nesse sentido, diversos discursos são naturalizados, cristalizados e reproduzidos pelos indivíduos em sociedade, sem ao menos uma análise crítica e reflexiva, para ilustrar esta questão é válido destacar o que observam: Peter Fry e Edward MacRae (1985) Desde a mais tenra infância, meninos e meninas são educados para se portarem como homens e mulheres mais tarde. Parafraseando Junqueira (2009) Os homens deveriam ser fortes, trabalhadores, capazes de sustentar sua família, interessados em futebol e outras atividades definidas como masculinas e, sobretudo, devem ser inflexíveis e insensíveis. Convém também que desde o início da adolescência comecem a ter experiências sexuais. As meninas vivenciam o contrário, devem manter-se virgem até o casamento, recebem bonecas desde pequenas para reforçar e ensina-lhes as práticas das vivências



domésticas. Dentro deste rol de prioridades, não se observa nenhuma alusão as demais identidades sexuais, o que parece é que os pais não ventilam a possibilidade de o filho virar bicha¹ por exemplo.

Neste contexto de silêncio e invisibilidade vão se construindo “verdades” sobre a sexualidade, apesar de haver os pressuposto acima mencionados diretamente os pais e mães dificilmente discutem abertamente essas questões com seus filhos, é como se os filhos não tivesse sexualidade, ficando estalado e restrito apenas “ao quarto dos pais” (FOUCAULT 1988, P. 10). Quaisquer saber, ademais é cabível o silencio.

Sobre isto acrescenta Louro (2000) a sexualidade passa a ser encarada para muitas pessoas como sendo um assunto privado e portanto parece que não possui nenhuma dimensão social e histórica. “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT 1988, P. 36)

Esta questão Foucault chama isto de “hipótese repressiva”²

E necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica, nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que bem antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer desta interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito... a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não... (FOUCAULT 1988, P. 17)

Dessa forma se percebe que a sexualidade é inibida, sempre que se pretende elucidá-la e propor uma discussão aberta e esclarecedora, há encontra fortes discursos fincados na “interdição, censura e negação” (FOUCAULT 1988, P. 15) os discursos que atravessam as tramas da sexualidade, quando veiculados, seja através da mídia ou nas interações sociais, muitas se fincam em concepções que tentam imprimir uma tessitura do “normal” e do “diferente”. Quando se pensa em “normal”, no âmbito da sexualidade, refere-se a heterossexualidade, ou seja a norma sexual a ser seguida, a norma que é consentida e ensinada dentro e fora da escola. Por sua vez, os termos “diferentes”, “outro”, “anormal”, de acordo com Louro (2006) caracterizam a homossexualidade, a transexualidade e outras formas de viver a sexualidade de maneira desviante da heterossexualidade.

Ao final do século XIX, serão homens, médicos e também filósofos, moralistas e pensadores (das grandes nações da Europa) que vão fazer as mais importantes “descobertas” e definições sobre os corpos de homens e mulheres. Será o seu olhar

¹ Expressão refere-se a homossexuais, utilizada popularmente de maneira depreciativa. Contudo recebe um novo contorno representativo quando incorporado nas discussões de por Fry e Edward MacRae (1985) para se referir ao Brasil popular, um Brasil que consegue capturar os discursos e tramas do dia-a-dia.

² Conceito utilizado por Foucault (1988)



“autorizado” que irá estabelecer as diferenças relevantes entre sujeitos e práticas sexuais, classificando uns e outros a partir do ponto de vista da saúde, da moral e da higiene. Não é de estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregadas em tais definições sejam marcadamente masculinas; que as mulheres sejam concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; que os comportamentos das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenham se constituído na referência para estabelecer o que era ou não apropriado, saudável ou bom [...] Tais discursos, carregados da autoridade da ciência, gozavam do estatuto de verdade e se confrontavam ou se combinavam com os discursos da igreja, da moral e da lei. (LOURO, 2009, p. 88)

Este século é muito importante para a construção e desconstrução das narrativas sobre sexualidade, como apresentado acima os discursos “autorizados” tendem a privilegiar a heterossexualidade “Uma matriz heterossexual delimita padrões a serem seguidos e ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões” (LOURO, 2015, p. 17).

A heterossexualidade só ganha sentido na medida em que se inventa a homossexualidade. Então, ela depende da homossexualidade para existir. O mesmo pode ser dito em relação ao sujeito heterossexual: sua definição carrega a negação de seu oposto. Ao dizer: eu sou heterossexual, um homem ou uma mulher acabam invariavelmente por ter de recorrer a algumas características ou marcas atribuídas ao homossexual, na medida em que ele ou ela precisam afirmar também o que não são. Do outro lado do par, o movimento será o mesmo: a homossexualidade precisa da heterossexualidade para dizer de si. Há uma reciprocidade nesse processo. A dicotomia sustenta-se numa única lógica. (LOURO, 2009, p. 89)

O binarismo Homossexual/ heterossexual é sempre marcado pelas fronteiras, em outras palavras, ao definir a sexualidade, invariavelmente sujeito demarca as regiões fronteiriças, essas são postas em evidências através dos discursos. Portanto, se percebe que sempre houve a homossexualidade, apensar disso, não se tem na história da humanidade alusão a esta terminologia, “a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX” (LOURO, 2015, p.29).

Neste século essas terminologias que fomentam parâmetros à sexualidade, apenas receberam um contorno, e portanto visibilidade do que supostamente seria aceito pela sociedade, não é que as relações entre pessoas do mesmo não existiam, a discussão aqui esta no contexto das nomenclaturas. Na concepção de Weeks (2000) a heterossexualidade³ e homossexualidade⁴ são expressões relativamente recente e por isso vou sugerir que sua invenção de mudanças profundas e até emergenciais na delimitação e definições agudas da sexualidade.

Esta invenção se da no sentido discursivo. O fato de socialmente haver uma terminologia, sobre ela, pesam dilemas e contornos como apresentados pelos discursos autorizados questões de patologia, pecado ou algo profano. Apesar de estarmos no século XXI, ainda é muito presente

³ Sujeito que se relaciona sexualmente com pessoas do mesmo oposto ao seu

⁴ Esta expressão foi direcionada a pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo



práticas excludentes e preconceituosas aos que decidem se aventurar pelas fronteiras e viagens no contexto da sexualidade. Isto ocorre por que “a sexualidade é, então cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca” (FOUCAULT, 1988, p. 9). Foucault compreende essas questões no contexto do século XVII, contudo isto não se encerra nesta época, sem dúvidas ainda há resquícios disso, quando, sobretudo nas relações sociais é gerindo e reproduzindo os parâmetros de normalidade no âmbito, sobretudo da construção do eixo familiar.

Essas relações excludentes então presentes em diversos contextos, na concepção de Peter Fry e Edward MacRae (1985) Na procura de emprego, os testes psicológicos ainda procuram detectar a orientação sexual dos candidatos. Nas famílias, muitos meninos e meninas sofrem ao perceberem que sentem desejo homossexual; seus pais continuam ou rejeitando estes filhos ou, na melhor das hipóteses, compartilhando a vergonha, como se fossem eles os responsáveis. Nas ruas, a polícia armada com as leis contra “vadiagem” discrimina homossexuais assim como discrimina os negros. Mesmo os amigos mais “tolerantes” ainda guardam um pouco de “pena” para seus amigos homossexuais.

Diante disso se percebe que existe uma normativa ideológica que conjuga as relações e saberes acerca da sexualidade, nesta perspectiva podemos falar sobre heteronormatividade.

... ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos. (LOURO, 2009, p. 90).

A heteronormatividade é um processo social, produzido nas relações cotidianas, por isso, esta corrente ideológica se propõe a reconhecer a heterossexualidade como sendo o padrão a ser seguido por todos os sujeitos, ficando a margem da sociedade todos que se aventurarem a romper com esta ideologia.

Entre os que vivem esta normativa e os que rompem, experimentam em seus corpos diversos atravessamentos de acordo com Nascimento e Adad “A difícil convivência pode provocar preconceitos, medos, exclusões, silenciamentos, invisibilidades, entre outras formas...” (NASCIMENTO, 2014, p. 338).



Apesar disso, de desviarem da normativa, de viverem e marcarem em seus corpos contornos da transgressão, talvez seja necessário repensar sobre esta possível investida rumo ao empoderamento da sexualidade, ainda necessita de outros enfoque, pois ainda há mesmo que de forma sutil ou uma reprodução da heterossexualidade para referenciar os laços homossexuais, para ilustrar esta questão se faz necessário invocar um expressão do sensu comum: quando dois homens assumem uma relação de namoro ou conjugal, há expressões como: “quem é o homem da relação”. Na verdade efetivamente não existe um homem na relação, existem dois.

Sobre isso Fry e Macrae (1985) argumentam que neste esquema, as relações sexuais esperadas também são todas “heterossexuais”, por isso, pessoas socialmente “femininas” se relacionam com as socialmente “masculinas”. As mulheres e bichas se relacionam com os homens e os homens e mulheres-machos se relacionam com as mulheres. O que é considerado realmente “desviante”, de acordo com estas regras, são relações “homossexuais” não em termos biológico, mas em termos dos papéis sexuais⁵.

Nesse sentido, um homem⁶ desde que seja o “ativo” pelo menos que diga isso, efetivamente não ira ter nenhuma repressão se compararmos a dois rapazes gays, o que causa escândalo ainda considerando os autores mencionado acima, é quando bicha se relaciona com bicha afeminada. Este estranhamento se da por que eles romperam com os papeis socialmente aceito, pois foi naturalizado que dentro do rol de uma relação sexual o “ativo” necessariamente seja um homem⁷ que mesmo se aventurando sexualmente com uma bicha não deixa de ser homem.

Esta análise feita corresponde ao que socialmente é apregoadado e permitido ao sujeito heterossexual. Esta relação do aceitável, permissível é criticamente por Fry e Macrae (1985) Então se o Brasil popular fala de sexo social predominantemente, o sistema médico fala de sexo fisiológico e isto serve para definir o homossexual exclusivamente pelo seu desejo sexual por pessoas do mesmo sexo fisiológico. O homem do Brasil popular que “come” a “bicha” é, neste sistema, um “homossexual”.

Considerando esta assertiva reveladora, a intenção deste trabalho nunca foi encaixotar pessoas dentro de um determinado rol do que é socialmente esperado sexualmente. A identidade sexual é na verdade um elemento que esta em profunda reiteração, “A concepção de identidade pós-moderna adequa-se à necessidade de superação dos problemas associados ao confeto da Sexualidade que se Assume e não Pode Voltar atrás, na medida em que esta identidade não comporta uma experiência única e imutável”. (NASCIMENTO; ADAD, 2015, p.134).

⁵ Os papeis sexuais estão relacionados ao que é esperado/ naturalizado sexualmente à homens e mulheres

⁶ Esta expressão neste momento referencia a figura masculina que não se assume gay, mas que se relaciona com rapazes gays

⁷ Neste caso se percebe que ser homem esta muito relacionado com a heterossexualidade, padrão que socialmente se espera a todos que se dizem homem



O que precisa ficar claro é que há inúmeras identidades e portanto, diversas formas de se vivenciar experiências no contexto da sexualidade. Esta vivência pode em algum momento se afeiçoar com uma identidade heterossexual, por exemplo, contudo em outro momento este sujeito já pode se perceber diferente desses parâmetros, pode retornar ou efetivamente buscar outra possibilidade no que tange a outro contorno. “A identidade esta sempre em construção a partir das experiências vividas, dos espaços temporais que as pessoas se inserem, dos contatos culturais, estranhamentos e interditos”. (NASCIMENTO; ADAD, 2015, p.136)

O processo de construção da identidade é dinâmico e fluido, esta em constante construção. A partir disso, podemos relacionar com este processo social e histórico da construção da identidade com se fosse uma viagem, todos podem ir e voltar, apenas irem, simplesmente voltarem, o que se sabe ao certo é que esta questão é extremamente subjetiva, compete a cada personagem delinear os contornos e objetivos da viagem.

A viagem transforma o corpo, o “carácter”, a identidade, o modo de ver, de ser e de estar... Suas transformações vão além das alterações na superfície da pele, do envelhecimento, da aquisição de novas formas de ver o mundo, as pessoas e as coisas. As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até antes dele). A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, deve seguir um determinado rumo, uma direção. (LOURO, 2015, p. 15)

Esta construção que transforma e contorna a viagem e os diversos aspectos que circundam os eixos ida e volta, a partir disso, de acordo com Louro (2015) a dúvida de aventurar na viagem deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva.

Considerando que é um processo possível e individual, esta cercado pela tessitura da sociedade, nesse sentido não há como negar os diversos olhares sobre a perspectiva das transitoriedade de identidade, nem tão pouco se pode dizer esta certo ou errado, são concepções de definem o tempo-espaço às manifestações da sexualidade.

Com isso se percebe que a sexualidade é invisibilizada ou na melhor das hipóteses, através dos parâmetros estabelecidos pela sociedade, lhe são impostos um enfoque que legitima um espaço marginal, em outras palavras, discussões como esta são inapropriadas considerando a normativa tradicional que reverbera.

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nenhum verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir à menor manifestação fá-la-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo sabe-se muito bem que não tem sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olho se tapar os ouvidos onde quer que venham a manifesta-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado.





Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. Porém, forçadas a algumas concepções. Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser rescrita... (FOUCAULT, 1988, p. 10)

Então os dispositivos da sexualidade são relegados a ficarem no silêncio para não incomodarem a normalidade, os padrões estabelecidos como éticos e estéticos, políticos, corretos e moralmente aceito e portando deve ser seguido, a partir disso, tudo que transgredir esta lógica deve ser naturalizado como sendo marginal e portanto profano.

Por isso, se faz necessário investir em políticas públicas que primem por igualdade e a dignidade de todas as pessoas mesmo, aquelas que não se comportam mediante a norma heterossexual que predomina e é controlada, reproduzida e naturalizada pelos sujeitos que entendem a heterossexualidade como sendo o parâmetro das relações entre os sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa foi possível perceber os diversos dilemas que reverberam sobre os sujeitos que buscam se aventurar nas fronteiras da sexualidade, em outras palavras, que se aventuram em estabelecer relações com outras possibilidades que extrapolam a lógica da normativa heterossexual, segundo esta possibilidade só é “normal” relações entre homens e mulheres a partir dos parâmetros da biologia.

Enquanto que os “diferentes” são os transgressores da heteronormatividade, assim, se deparam constantemente com o preconceito, controle, discriminação, sanção entre outras possibilidades que buscam limitar os espaços desses sujeitos, por vezes devidos aos discursos da educação, política, entre outros autorizados, são ridicularizados, e sobre um prisma reducionista os veem de forma pejorativa. Em suma, essas questões são vislumbradas dentro da escola, como possibilidade de se pensar, sobretudo em inclusão dos “diferentes”.

Para além dessas questões, ainda no espaço da escola são pensados a visibilidade e invisibilidade da sexualidade, assim, são analisadas possibilidades que tangenciam os discursos na

construção, tessitura e vivência da dos saberes construídos nas interações sociais e que por vezes ao adentar no espaço escolar são silenciados tanto pelos professores como pelos aprendizes.

REFERÊNCIA

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação**: desafios para a prática pedagógica. In:

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

DAYRELL, Juarez. **A escola como um espaço sócio – Cultural**. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos Olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade do saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas: Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo educado pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NASCIMENTO, Romário Rawlyson Pereira do; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Sexualidade enganchada no armário?** Jovens da ilha problematizando as identidades sexuais na escola. In: JÚNIOR, Francisco de Oliveira Barros; LIMA, Solimar Oliveira. Homossexualidades e ciências. Teresina: EDUFPI, 2015.

NASCIMENTO, Romário Rawlyson Pereira do. **Rastros da Composição da Técnica Cartográficas Sexuais**. In. ADAD, Shara Jane Holanda; PETI, Sandra Haydèe; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques. [Orgs.]. Tudo que não inventamos é falso: Dispositivos Artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. Corpo educado pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

